

FESTIVIDADE DE NOSSA SENHORA DE COPACABANA*

MOTIVO DE UNIÃO DOS MIGRANTES BOLIVIANOS NA ARGENTINA

Isabel Laumonier



INTRODUÇÃO PANORAMA HISTÓRICO

Cada grupo de migrantes se reveste de características próprias, percorre uma história e uma geografia particulares. O trabalho que apresentamos aqui - referente ao grupo boliviano na Argentina - tenta real-
lizar uma breve aproximação da dinâmica dessa comunidade e lançar um pouco de luz sobre as estratégias que permitiram a tal coletividade fazer frente a uma dura realidade econômica, a uma política migratória equívoca e a preconceitos mais ou menos encobertos.

Buscamos assinalar de que forma o espírito do "ayllu" (vide glossário) atua para além dos limites bolivianos e de que forma as redes de parentesco (carnal ou ritual) se estendem superando fronteiras. Tomamos como parâmetro o processo de desenvolvimento de uma festa religiosa, colocando em cena a movimentação de uma coletividade em torno de um fim comum: neste caso, a celebração da festa de N. S. de Copacabana, tal como se desenvolve há muitos anos em vários pontos do país, especialmente no Bairro de Vila Soldati.

Para explicar mais claramente o desenvolvimento da festa, dedicamos maior ênfase, neste artigo, a um Glossário, no qual se consignam diferentes termos referentes a objetos, pessoas ou situações próprias do evento. Por se tratar de um fato cultural vigente, e portanto dinâmico, ano após ano se produzem transformações. Cada celebração é em si um fato singular que expressa e atualiza as vivências e o mundo do grupo.

1. Presença Histórica: a área andina

Os estudos sobre a migração boliviana rumo a Argentina indicam que a mesma se torna significativa a partir da terceira década deste século.

Na realidade, o contato entre bo-

livianos e argentinos dá-se bem antes no tempo, visto que, devido à influência aymara, o Noroeste do país entrará na órbita do *Tihuantinsuyo* (vide glossário) como parte do que tradicionalmente se denomina "área cultural andina". A conquista espanhola e em seguida o processo de independência, marcaram limites políticos constantemente ultrapassados pela realidade cotidiana: as formas de subsistência, as manifestações culturais, as relações sociais, perpetuam-se para além de Villazón e da Quiaca.

Por outro lado, o padrão pré-colombiano referente às atividades comunitárias, foi assinalado pela mobilidade entre os diferentes níveis ecológicos, como consequência dos diversos ciclos de produção de alimentos e pautado, igualmente, pelos ritmos das estações e das festividades religiosas: este sistema parece ter-se perpetuado e acomodado através dos séculos, superando as contingências e amoldando-se às circunstâncias.

2. Industrialização e mudanças

A partir da primeira década deste século, produziram-se sensíveis transformações na economia regional do Noroeste argentino: com o ingresso de capital inglês interessado em mecanizar e incrementar a produção de açúcar, diminuiu a mão-de-obra tradicionalmente dedicada à colheita, até então realizada pelos catamarquenhos e também pelos tobas, matacos e chiriguanos. É quando se inicia a busca da mão-de-obra boliviana por meio de um recrutamento massivo. Os capatazes dos engenhos procuram trazer para Salta e Tucuman o maior número possível de famílias (uma vez que a colheita da safra requer a participação de homens, mulheres e crianças). Estima-se que durante o mês de maio ingressavam no país - via Quiaca - mais de 30.000 pessoas para trabalhar aproximadamente uns cem dias (de maio a novembro). Em novembro, parte do contingente regressava à Bolívia, porém habitualmente, certa quantidade de safreiros ficava instalada no país em busca de

novos campos de trabalho.

Entre os anos de 1938 e 1947 foi se acrescentando a necessidade de mão-de-obra devido ao desenvolvimento, nas Províncias de Salta e Jujuy, das plantações de tabaco amarelo, cultura que progressivamente foi sendo substituída pelo tabaco preto. Os trabalhos iam-se desenvolvendo de agosto a abril em Salta e de dezembro a março em Jujuy, cobrindo assim as necessidades de uma cultura exigente: a classificação, a embalagem, a secagem e o processamento das fibras. É assim que bom número dos trabalhadores bolivianos que terminavam a safra continuavam com o tabaco numa sucessão de atividades sazonais.

Por outro lado, os laços e contatos entre os conterrâneos, entre os estabelecidos no país e os trabalhadores sazonais, iam aumentando cada vez mais.

3. O Encadeamento dos Trabalhos Temporários

Um novo elo na cadeia de ocupações temporárias na área rural deu-se aproximadamente há três décadas, com o ingresso de mão-de-obra boliviana para a vindima, e posteriormente para algumas colheitas e trabalhos no fértil campo da hortifruticultura nos oásis de Mendoza. A colaboração destes trabalhadores foi indispensável na região, especialmente no Vale de Uco, grande produtor de tomates, cenouras e cebolas.

A partir da Reforma Agrária boliviana de 1953 os agricultores, especialmente os provenientes de Cochabamba e Potosí, ao romper seus laços quase feudais com a terra, começaram a buscar novos horizontes. Começou-se a sentir sua presença na Argentina em todos os lugares em que se desenvolviam centros hortigranjeiros: esse foi o caso de Santa Fé (Laguna Setúbal) e das planícies do rio Colorado. Também foram se instalando no Alto Vale do Rio Negro e em menor quantidade em Corrientes, por ocasião da colheita dos cítricos.



4. Do rural ao urbano: o ramo da construção

A penetração massiva de migrantes bolivianos, em sua fase inicial, pode ser considerada um fenômeno de características sazonais e com uma dinâmica rural-rural.

Não obstante, rapidamente, e a partir de sua presença no Noroeste, amplia-se a oferta de trabalho. Acabada a safra os migrantes começaram a procurar o ramo da construção civil, seja como serventes ou pedreiros, na cidade de Salta, seja nas tarefas de reforma e manutenção dos próprios engenhos (Ledesma, por exemplo). A partir dos anos 60 as ocupações se diversificaram notadamente e a presença de trabalhadores bolivianos era massiva, não só no Noroeste como em todos os pontos em que se desenvolvia uma obra de grande vulto. Verificou-se então um contínuo êxodo rumo ao sul do país desde a Costa Atlântica (Mar Del Plata e praias vizinhas), até Comodoro Rivadavia, Puerto Madri, - solicitados pelo desenvolvimento e pela infra-estrutura da indústria pesqueira - e, finalmente, no ponto extremo Ushuaia.

A migração deixou de ser um fenômeno rural-rural para transformar-se, em muitos casos, num redimensionamento rural-urbano.

5. Fixação na Capital e Grande Buenos Aires

A partir dos anos 50 a presença dos bolivianos em Buenos Aires foi se acentuando. Tratava-se na verdade de

um movimento de atração rumo à metrópole que marcou fortemente duas décadas de certo desenvolvimento industrial, sobretudo no cordão periférico da capital federal. Multiplicaram-se as favelas dentro e fora do cinturão urbano: a presença dos imigrantes bolivianos foi notada especialmente nos bairros de Retiro, Colegiales, Baixo Belgrano, Vila Soldati e Lugano. Mais tarde, num perímetro de uns trinta quilômetros, instalaram-se assentamentos cobrindo um amplíssimo raio com direção preferencial rumo ao sul, sudoeste: La Salada, Lanús, Lomas de Zamora, La Matanza, Morón, Esteban Echeverría, Quilmes, Ezpeleta.

Alguns desses assentamentos foram se transformando parcialmente em "bairros operários", com melhoria em sua infra-estrutura: água encanada, rede elétrica, demarcação de ruas internas e passeios entre as casas. Em algumas áreas (ex. Vila Soldati), a instalação de uma capela, o asfaltamento de algumas ruas e a criação de uma escola primária mudaram a fisionomia do bairro primitivo.

6. Política Migratória. As contradições

Entretando, não existiu coerência na política nacional quanto à radicação do migrante. Muitos deles, sem documentos, com licença provisória do trabalho, permaneciam no país em situação ilegal. Diversas imprecisões ou regularizações em massa de imigrantes pare-

ciam substituir uma legislação imprecisa. Estas disposições contrapuseram-se com medidas restritivas, desalentando o ingresso de novos imigrantes, ou mais drasticamente ainda, (sobretudo a partir de 1976) com as medidas de expulsão que eram postas em execução de maneira compulsiva.

Para muitas famílias isto significou uma partida definitiva; para outras, um parêntese na espera de novos tempos. Para todos, certamente, um estado de insegurança que, unido às dificuldades materiais cada vez mais acentuadas, foram freando um lento ritmo ascendente que até o momento estava num processo de consolidação, através da rede de familiares, parentes, amigos...já instalados no país. Por outro lado, como assinala Balán "...as diferenças étnicas e culturais, além de uma cota importante, porém publicamente negada pelo preconceito, limitaram sua integração na sociedade urbana argentina".

7. População itinerante

Existem, atualmente, núcleos populacionais definitivamente assentados em diversos pontos do país. Não obstante, a esses agrupamentos deve-se somar ou subtrair constantemente um número significativo de membros. Em primeiro lugar, aqueles que, embora habitando permanentemente na Argentina, conservam alguém na Bolívia a quem recorrem para reforçar o ritmo de trabalho. Assim, no pico dos traba-

lhos temporários, aumenta a mão-de-obra familiar, a qual retorna ao país de origem quando sua presença torna-se desnecessária.

Por outro lado, um número não desprezível de itinerantes realiza um vai-e-vem constante nas fronteiras (durante o ano de 1987, a Direção Nacional de Migrações registrou um movimento diário de umas nove mil pessoas entre La Quiaca e Villazón); a esse êxodo incessante - base do denominado "contrabando formiga" - e que responde a uma estratégia própria de subdesenvolvimento segundo as conveniências econômicas de um lado e outro da fronteira, deve-se somar uma rede mais ampla de compra e venda de produtos para satisfazer as demandas e hábitos culturais dos bolivianos, principalmente daqueles que residem nos centros urbanos. Para comprová-lo basta assistir a qualquer uma das festividades religiosas; as feiras que acompanham essas celebrações dão testemunho da quantidade e diversidade dos produtos em constante circulação.

Outro dos fatores desta dinâmica é a possibilidade de trabalhar no ramo da construção. Pois bem, como já assinalamos, se existe um deslocamento em busca de novas oportunidades dentro do país, existe igualmente a possibilidade de exercer a profissão em ambos os países. Assim foi estabelecido por Dandler e Mederos, os quais apontam que "...realizamos entrevistas nas principais empresas construtoras de Cochabamba. O número de trabalhadores que atualmente empregam é muito reduzido. Não obstante, enfatizaram que quando existe oferta de mão-de-obra especializada, recorrem a uma rede de contatos com pedreiros... tanto de origem rural como de origem urbana, que tenham tido experiência na Argentina. Quer dizer, a contratação de mão-de-obra qualificada na construção - quando existe demanda - está estreitamente ligada a uma prévia experiência dessa mão-de-obra na Argentina".

8. O trabalho autônomo e os trabalhos temporários

Pode-se então concluir que, unida a uma grande mobilidade existe uma facilidade de adaptação em diversos empregos, uma constante acomodação às necessidades do mercado de trabalho, elementos aos quais se deve acrescentar um número bastante elevado de autó-



Foto: Claudino Balen

nomos.

Na Argentina, o trabalho informal foi aumentado na última década, alcançando 20% da população economicamente ativa: esta atividade, consequência de condições econômicas desfavoráveis, representa uma situação conflitiva e de certa forma nova para amplos setores sociais do país; neste sentido, as redes estabelecidas pelos grupos de migrantes bolivianos, oferecem-lhes uma maior margem de segurança e ganhos. Além disso, para muitos bolivianos, o deslocamento para a Argentina não é considerado em si como migração, mas uma forma de conseguir trabalho. "Há uma demanda já estabelecida de mão-de-obra boliviana, apesar da deterioração da indústria da construção e do desemprego, especialmente em Buenos Aires a construção civil oferece flexibilidade de tempo já que o trabalhador mais "livre" (sem família) pode viver na obra ou num acampamento, para dedicar-se com mais intensidade e fazer horas extras. A construção oferece também oportunidades específicas, como a possibilidade de poder voltar à Bolívia e regressar com relativa segurança de encontrar trabalho. Mesmo os contratos são flexíveis: aqueles que não têm documentos e, portanto, não podem ser contratados pelas empresas construtoras, são recrutados pelos agenciadores, muitos dos quais são do próprio país. Além disso, o agenciador permite ao migrante negociar possíveis ausências e sua substituição por outro

parente ou conhecido" (Dandler/Mederos).

Dos pontos 7 e 8 conclui-se então que a construção - da mesma forma que o trabalho rural temporário - são soluções de trabalho buscadas pelos migrantes: mas que no caso da Argentina o grande número de migrantes internos neste mesmo mercado de trabalho informal e subemprego facilita a ocupação diária (bicos) e temporária (contratações indefinidas) numa diversificação de oportunidades.

9. A Mulher: sua contribuição na economia familiar

Em muitos casos, são as mulheres bolivianas que facilitam esse tipo de circuito, garantindo com o próprio trabalho a economia familiar e permanecendo à frente da família enquanto os homens cumprem seus contratos em lugares distantes, seja na área urbana ou rural.

O trabalho feminino enquadra-se na maioria das vezes no mercado informal, seja por meio da venda, em geral de vegetais, seja trabalhando em oficinas de tecelagem ou corte e costura (as quais, desde há alguns anos, estão nas mãos de membros da coletividade coreana). É de se notar que o antigo e primitivo comércio ambulante de alho e limão foi-se incrementando e diversificando. A estrutura de aquisição, distribuição e venda de pequenas quantidades de verduras costuma organizar-se nos mercados centralizadores de mo-

nopolizadores do produto: logo cada mulher instala-se nas redondezas de algum centro comercial, só ou acompanhada dos filhos menores que não pode deixar em casa.

Esse tipo de transação de comércio não exige um capital inicial importante e pode ser abandonado e retomado sem maior dificuldade, ou alternar-se com outro tipo de ocupação e trabalho.

Outra tarefa feminina é a de atender pensionistas - todas as vezes que as condições habitacionais o permitem - e devido à intensa circulação de compatriotas, esta é uma opção a mais que ajuda a incrementar o orçamento familiar. Este sistema de trabalhos "livres" que permitem certa flexibilidade no emprego do tempo é a razão pela qual as mulheres bolivianas, em sua grande maioria, não se empregam como domésticas que "dormem no emprego".

Em geral e de acordo com as estatísticas, pode-se afirmar que o grupo boliviano é fortemente endogâmico. A menor mobilidade da mulher corresponde, geralmente, à necessidade de permitir o desenvolvimento normal da escolaridade dos filhos e ao desejo de que os mesmos completem pelo menos o curso primário.

10. Continuidade nas redes de ajuda mútua

É justamente a possibilidade de encontrar entre parentes e amigos casa e comida desde o momento da chegada, que facilita a instalação e rápida inserção no novo meio. O espírito comunitário é herança de uma longa história, ainda antes da dominação incaica os aymaras praticavam o coletivismo agrário dedicando uma terça parte da terra à comunidade ou *"ayllu"*.

Como assinala José Blanes, a situação, tanto na Bolívia quanto na Argentina, fez com que "... a maioria das famílias... estivesse abandonada à própria sorte e por isso concentram-se no recurso e na busca de ajuda dentro dos membros da própria família, como a única alternativa a um mundo hostil para a sua sobrevivência. Por sua vez, estas famílias procuram todos os meios conhecidos há vários séculos para sobreviver; apóiam-se em formas de organização social, em relações entre famílias, em regras e normas de conduta que servirão para sua sobrevivência. Desta forma, pode-se explicar

a força tão grande que tiveram na Bolívia instituições como o *"ayllu"*, o trabalho em forma de *"ayni"* (vide glossário), as relações de parentesco e de apadrinhamento".

11. Fortalecimento dos vínculos

Na vida cotidiana, o emaranhado de prestações de serviços pode ser considerado sob o prisma com que se contempla o fenômeno no seio da sociedade Andina: "... as relações sociais de alcance mais reduzido (estruturadas em torno de parentesco próximo, da vizinhança, do apadrinhamento...) são atividades ao longo do ano que se praticam por ocasião de determinados eventos e cerimônias (funerais, batismos, coberturas da casa, "ritichico" (vide glossário: rutichicho) etc... Às relações que vinculam as pessoas mais próximas sociologicamente permanecem vivas no contato cotidiano: outras se ativam em ocasiões determinadas" (Karasik, G.).

Estas "ocasiões determinadas" concentram-se sobretudo em torno das festividades religiosas. Segundo a região de origem, os migrantes trouxeram o culto a seus "santos" (neste conceito estão incluídas também as figuras de Cristo e da Virgem Maria). As mais notáveis são as dedicadas à Virgem de Copacabana, à Virgem de Urcupina; ao Senhor de Laguna (Tata Laguna), ao Senhor de Maika e à festividade da Exaltação da Cruz.

12. As Festas

O culto a uma das devoções à Virgem ou à figura de Cristo, tende a originar-se no seio de uma família que tenha essa devoção e que possua uma imagem (estátua, quadro ou estampa) colocadas numa espécie de altar doméstico ao qual pouco a pouco começam a acorrer os vizinhos. Apresentam-se também conterrâneos de outros bairros que pertencem à região onde tal Virgem ou tal Cristo são venerados. Os "donos" da imagem costumam "emprestar o Santo" o qual vai percorrendo, não apenas diversas casas como também locais distantes, onde se formam verdadeiros focos de oração e devoção. O culto aumenta em importância e ali onde, originariamente existiu um pequeno altar, vão se formando lugares de cultos dedicados à veneração da imagem, a qual recebe oferendas, velas e flores durante o ano inteiro.

Quando o número de fiéis vai aumentando, o culto privado passa a ser público. Pode-se dizer que é a primeira aproximação da igreja-povo com a igreja-instituição e as relações entre ambas variam conforme a aceitação que o grupo encontra por parte do clero. Essa aceitação do culto popular foi se ampliando no decorrer dos anos graças a uma pastoral adequada aos tempos.

A celebração da festa própria do santo vai sendo acrescida com os anos: será precedida com uma novena e finalmente prolongar-se-á durante uma semana concluindo com outra festividade (ver glossário: *Dejamen*). Pouco a pouco vai se integrando uma maior quantidade de responsáveis e participantes em cada celebração. Cada um deles ficará encarregado de uma parte - pequena ou grande - da festa que acompanha o culto. A festa maior ficará a cargo dos "Padrinhos da festa ou pasantes", que pedirão ajuda a outros padrinhos, os quais por sua vez, se responsabilizarão pelos bailes, pela orquestra, pela parte material da festa (comidas e bebidas etc etc ("padrinhos menores").

Através dos anos as devoções foram se multiplicando junto com os novos assentamentos de migrantes. Há aproximadamente uma década, a festa de Nossa Senhora de Copacabana era praticamente uma das poucas manifestações de massa do grupo boliviano, seguida pela "Exaltação da Cruz" e a de "Tata Laguna". Atualmente, a devoção se estendeu a diversos bairros, em datas distintas; surgiram também novas manifestações como a da Virgem de Urcupina e a de Nosso Senhor de Maika.

O Glossário que apresentamos em seguida baseia-se no seguimento durante vários anos da celebração da festa de Nossa Senhora de Copacabana, tal como se realiza durante a segunda semana de cada mês de outubro no bairro de Vila Soldati.

Preferiu-se desenvolver o Glossário seguindo os passos próprios da festa e não segundo uma mera ordem alfabética. Além disso, aos termos próprios da celebração, acrescentaram-se outros conceitos, com a finalidade de explicar tradições da região Andina e que formam a base sincrética da festa, e a demonstração da vigência de uma ampla rede de ajuda mútua no seio da coletividade.

GLOSSÁRIO FESTAS E TRADIÇÕES

IMAGEM DA VIRGEM DE COPACABANA

A imagem representa a apresentação de Jesus no Templo (Cf. Lc. 2, 22-32). É a imagem da "Virgem da Candelária". Carrega em um dos seus braços o menino Jesus que tem na mão uma vela (a luz do mundo), na outra tem uma cestinha com duas pombas, exigidas pela lei judaica (Lc. 5, 7; 12, 8).

A peça original da grande imagem foi feita em meados do século XVI pelo índio Tito Yupanqui. Naquela época existia uma ordem proibindo a confecção de imagens pela população nativa (supõe-se que por temor à idolatria).

As tentativas de Tito Yupanqui foram numerosas; em várias oportunidades foi obrigado a destruir seus intentos.

Finalmente, sua estátua feita de madeira foi entronizada no dia 2 de fevereiro de 1583 no altar-mor da Igreja de Copacabana.

Na década de 70, o vigário de Vila Soldati mandou vir da Bolívia uma estátua da Virgem; esta imagem foi entronizada na Igreja de Nossa Senhora das Graças. Mais tarde foi trasladada para o coração do bairro dos bolivianos, na capela erigida na esquina das ruas Charrua e Itaqui (Vila Soldati).

O VESTIDO DA VIRGEM

A cada ano, o padrinho da festa traz da Bolívia um ou dois vestidos novos para a Virgem confeccionados especialmente para a ocasião.

Pode também ocorrer que mulheres devotas, por uma promessa à Virgem, bordem elas mesmas os vestidos (neste caso, portanto, são elas as madrinhas do vestido).

Na noite de sexta-feira que antecede a festa, um grupo de mulheres, liderado pela esposa do padrinho, reúne-se na capela. Após rodearem a imagem para protegê-la de olhares indiscretos, a esposa do padrinho retira-lhe o vestido e coloca o novo. Todas a adornam com enfeites doados pelos fiéis.

Foto: Claudino Balen



OFERENDAS À VIRGEM

No dia da festa, a imagem da Virgem é instalada no átrio da capela e os vizinhos aproximam-se para enfeitá-la com flores e velas. Prendem também em seu vestido compridas fitas com cédulas bolivianas e argentinas. Estas podem ser da moeda corrente ou reproduções em miniatura de dinheiro boliviano. Segundo a tradição, essas miniaturas simbolizam o dinheiro real.

Tal costume tem sua expressão máxima na festa das Alasitas em La Paz (Vide Glossário Alasitas).

A RESPONSÁVEL PELO ALTAR

É a encarregada de cuidar e preparar o altar sobre o qual se expõe a imagem durante a semana ou quinzena em que se celebra sua festa. Arruma as oferendas de flores e velas trazidas pelos devotos.

A FRATERNIDADE

É uma organização básica dos imigrantes bolivianos. Expressão do sentimento comunitário, cria laços de união, cooperação e integração em uma comunidade determinada. Consiste em

um grupo de famílias que se unem em torno da Virgem ou de Nosso Senhor Jesus Cristo. Surge da devoção que provém do próprio lugar de origem dos membros. Exemplos mais conhecidos: Virgem de Copacabana (própria da região do Altiplano, ainda que esteja estendida por toda a Bolívia); Tata Laguna (Oruro); Senhor da Exaltação (Cochabamba); Senhor de Mayka (Chiquisaca); Virgem de Urkupina (Cochabamba) etc.

Pode haver Fraternidades estáveis próprias de um bairro da capital Federal ou da Província, onde a cada ano, numa data determinada, ocorre a festa. Existem também Fraternidades itinerantes cuja festa acontece a cada ano em um lugar diferente, de acordo com a residência do padrinho.

ORGANIZAÇÃO DA FESTA

A organização de cada festa começa, na realidade, exatamente no ano anterior quando, durante a celebração em curso, se elegem os futuros organizadores ou padrinhos do próximo evento.

Trata-se, na realidade, da designação oficial dos mesmos, já que sua aceitação para o cargo geralmente é conseguida em contatos anteriores por meio de uma tramitação chamada "o rodeio" (Vide: El rodeo).

A preparação dos grupos de baile e seus ensaios, assim como a confecção dos trajes dos conjuntos e a aquisição de certos elementos que provêm amiúde da Bolívia, intensificam-se durante os dois meses que antecedem o festejo.

OS PADRINHOS

São os responsáveis diretos pela festa; ou seja, são aqueles que aceitaram encarregar-se dela.

Esta função é assumida por dois casais: o padrinho de festa e o padrinho de baile, com suas respectivas esposas.

Estes cargos, por sua vez, implicam elevados gastos por um lado, e por outro um destaque dentro da comunidade. Em virtude dos custos que a

festa acarreta, costuma-se eleger pessoas que tenham um certo poder aquisitivo.

Em outras Fraternidades, os padrinhos são economicamente modestos. Estes encaram a festa como verdadeira devoção, trabalham durante o ano todo para fazer frente aos gastos, mas muitas vezes endividam-se enormemente; sempre, porém, com a certeza de que a Virgem os recompensará em dobro.

O PADRINHO DA FESTA

É o responsável último da festa e quem responde pelos gastos. Durante todo o período das festividades e no decorrer das cerimônias ocupará, juntamente com seu cônjuge, um posto de destaque, carregando o estandarte de veludo ou seda, bordado com fios de ouro, prata e lantejoulas. O estandarte consignará o nome da festa, a data da celebração e o nome da família patrocinadora. Durante o decorrer do ano o estandarte permanecerá na capela.

Fica a cargo dos padrinhos os banquetes que se oferecem a compadres, parentes, amigos, grupos de baile e colaboradores, o que configura mais de uma centena de pessoas.

OS COMPADRES - O APADRINHAMENTO

Distinguem-se dois tipos de compadres: os que o são por meio de batismo ou crisma e os que estabelecem uma relação especial com os padrinhos, encarregando-se de um aspecto específico da festa. O compromisso assim assumido reveste-se de um significado todo especial. Pode-se ser padrinho de baile, de comida, de vestido, de altar etc; contrai-se dessa forma uma relação de compadrio com o padrinho principal. O apadrinhamento estabelece uma relação permanente e compromete as partes a uma série de favores e auxílio mútuo.

"EL RODEO"

Assim se chama a ação em que o padrinho solicita colaboração para os gastos que deverá enfrentar e procura assegurar a participação do futuro responsável pela festa do ano subsequente.

O padrinho que subvenciona a festa do ano em curso oferece ao padrinho do próximo ano uma soma em dinheiro e um determinado número de caixas de

bebida. Essa mesma cerimônia é repetida com vizinhos de muita confiança aos quais se pede ajuda, oferecendo-lhes algumas garrafas e solicitando sua futura ajuda. Se o oferecimento é aceito, há um compromisso formal de colaboração que se confirma com brindes, denominados "aliança". Nesse momento assume-se a obrigação do *Ayni*. Pode-se também nomear o padrinho durante o Baile Cerimonial (Vide Baile Cerimonial).

O PADRINHO DE BAILE

O padrinho de baile organiza e financia, em parte, os grupos de bailarinos que dançarão em homenagem à Virgem. Geralmente, a madrinha do baile assiste e promove os ensaios prévios e controla os diferentes aspectos que constituem a atuação dos bailarinos.

O privilégio dos padrinhos é carregar a Virgem nos ombros durante a procissão.

OS ARCOS

Costuma-se decorar os primeiros cem metros do percurso por onde percorrerá a procissão com a Imagem, com arcos formados por dois altos mastros verticais, unidos por um mastro transversal. Os dois primeiros são fincados em barris ou latões cheios de areia instalados em margens opostas. Todo o conjunto é recoberto com tecidos multicoloridos e decorado com fitas que trazem as cores das bandeiras da Argentina e da Bolívia, além de flores artificiais e enfeites outros.

Encarregam-se da confecção e instalação dos arcos os vizinhos da rua, como forma de oferecimento conjunto à Virgem.

Trata-se de um costume muito antigo do povo boliviano que costuma homenagear os visitantes ilustres, recebendo-os com arcos de boas-vindas, colocados em todas as ruas ou caminhos por onde passará o visitante, seja este uma autoridade governamental ou indígena.

Os arcos distinguem-se de acordo com as regiões: no Altiplano e áreas de mineração destacam-se os utensílios de prataria antiga, as bonecas enfeitadas e vestidas com trajes típicos e figuras de lhamas e vicunhas feitas artesanalmente. Nos vales aparecem os arcos carregados de frutos próprios do lugar: laranjas, bananas, milho etc...

No caso das festividades religiosas, dedica-se um especial cuidado à ornamentação dos arcos visto serem, a Virgem ou Jesus Cristo, os visitantes homenageados. As Fraternidades revivem o costume e enfeitam os arcos com elementos das diferentes regiões.

OS TRANSPORTES

O dono de um caminhão ou automóvel pode oferecer um transporte como promessa. Neste caso, os veículos são recobertos com tecidos multicoloridos e sobre os mesmos coloca-se todo tipo de objetos.

Os carros ornamentais participarão da procissão dispondo-se um atrás do outro, formando filas de até vinte carros ou mais. Costuma-se adorná-los profusamente com quadros (representações do Sagrado Coração, da Virgem ou de heróis como Sucre ou San Martín); são colocados também espelhos, cartões, chapéus, pratos, bandejas, talheres de metal prateado, fitas, rendas, flores e bonecas.

Trata-se de um antigo costume das zonas mineiras, onde se 'carregam' os animais de transporte com a abundância de produtos de prata e outros metais. O objetivo desse 'transporte' é fazer passar perante a Virgem toda riqueza obtida da terra e oferecer-lhe como agradecimento. Num dia de festa, até os animais utilizados no trabalho diário devem ser enfeitados para ser oferecidos em oblação.

Mas os tempos mudaram e, atualmente, enfeitam-se os veículos motorizados para serem oferecidos como agradecimento, visto que sua obtenção representa muito trabalho e sacrifício, assim como para os camponeses um animal de carga é um bem muito difícil de ser adquirido; e este se obtém somente com a ajuda da Virgem.

A PROCISSÃO

A procissão começa assim que termina a missa e é encabeçada pelos grupos de baile, seguidos pela imagem da Virgem, dos sacerdotes, passantes e cortejo. Fecham-na os carros enfeitados que avançam devagar, cuidadosamente dirigidos por uma pessoa que indica o caminho através de um sinal deixado propositalmente em meio aos adornos. Em alguns casos, juntam-se pequenas bandas de música.

AS PARADAS

De trechos em trechos, ao longo das ruas por onde passará a procissão, fazem-se paradas. Trata-se de locais com mesas dispostas em frente de uma casa, cobertas com toalhas brancas e bordadas.

Na parede, um tecido multicolor ou uma tela florada serve de pano de fundo para imagens, vasos, velas e outros enfeites como, por exemplo, escudos bolivianos e laços argentinos.

Diante destes pequenos altares, a imagem parará durante a procissão e todos rezam uma oração em comum.

A casa assim visitada recebe a bênção da Virgem que agradece a seus moradores por terem erigido um altar "para que descanse da caminhada", pois, uma vez que a Virgem gosta da festa ("é festeira"), "também se cansa".

GRUPOS DE BAILE (1)

Os alto-falantes anunciam a ordem em que desfilarão os grupos de baile e o nome dos passantes que são seus padrinhos. Os bailarinos encaminham-se em duas filas paralelas, ao longo do estreito corredor que a multidão deixa livre. Avancam e retrocedem desenhando as coreografias previamente ensaiadas e alternando o ritmo conforme indique o ritmista. Os temas musicais repetem-se, acompanhando os passos dos bailarinos. Estes dançam quase ininterruptamente durante todo o trajeto da procissão, seja acompanhados por conjuntos musicais, seja ao som de música gravada.

Não se trata de um "corpo de baile estável" à maneira de corpos de baile folclórico, de shows ou outros espetáculos. Os conjuntos de baile são integrados, em sua maioria, por jovens e crianças que fazem promessa de dançar para a Virgem (a promessa consiste em dançar durante três anos consecutivos). É uma forma de demonstrar devoção e reverência.

GRUPOS DE BAILE (2)

Existe certo número de conjuntos de baile que costumam atuar na maioria das festas religiosas e são representativos das diferentes regiões da Bolívia. O grupo Llamerada, por exemplo, corresponde ao baile típico dos arrieiros de lhamas e vicunhas, próprios da zona do Altiplano (La Paz, Oruro, Po-

tosi). Outros grupos representam situações históricas como o dos Caporales, que simbolizam com seus chicotes a figura dos antigos capatazes.

Os conjuntos de Llamerada, Cullawada, Diablada, Morenada etc, constituem grupos de baile e melodias rítmicas em si mesmos, próprios de seus lugares de origem.

Para intervir na procissão costumam apresentar Diabladas ou Morenadas provenientes de diferentes Províncias argentinas (como o caso da Diablada de Mendoza e dos conjuntos provenientes da costa atlântica).

GRUPOS DE BAILE (3)

Os integrantes dos grupos de baile, em geral, são de uma faixa etária que varia entre os quinze e vinte anos. Todavia, existem também grupos infantis: a Cullawadita, os Caporalitos. Geralmente essas crianças cumprem uma promessa feita por seus pais e por eles costumam participar durante três anos consecutivos nesses conjuntos.

Durante os bailes desenvolvem-se normalmente oito figuras básicas: avanços, recuos, contramarchas. Os passos rápidos e saltitados tornam-se lentos quando o indica o assobio do condutor, do mestre de dança quando sinaliza a formação de filas quádruplas e cruzamento dos pares.

O BAILE CERIMONIAL

Ao terminar a procissão, assim que a Virgem é entronizada em seu altar (preparado antecipadamente no local ou salão onde ocorrerá o baile comunitário), logo a orquestra começa a tocar uma "cueca" (um ritmo) para os padrinhos.

Todos os convidados formam uma roda e no centro dançam, primeiramente, os padrinhos principais, ou organizadores, da festa correspondente ao ano. Entre abraços são felicitados e homenageados com papel picado multicolor, coquetel, vinho e cerveja.

Em seguida é a vez dos futuros padrinhos. Neste caso, particularmente, se os próximos não foram identificados de antemão, a orquestra continua tocando e os padrinhos dançam até que entre os convidados um casal devoto se ofereça voluntariamente. Dá-se então o intercâmbio de pares e novamente o baile, os abraços, as homenagens e a bebida.

Assim, por turno, entram na roda os demais padrinhos menores, isto é, o padrinho da orquestra, o da bebida, o do altar etc etc.

Após esta cerimônia prévia, a orquestra toca inumeráveis *waynos*, *cuecas*, *cumbias* etc, para o público em geral.

Deve-se assinalar ainda que durante o baile todo não é qualquer um que pode dançar com um dos cônjuges do casal dos padrinhos principais. Só pode fazê-lo aquele ou aquela que se aproxima com uma doação que consiste em uma ou várias cédulas de grande valor (austrais ou dólares). Primeiramente o prende no tecido multicolor que o padrinho carrega cruzado no peito e nas costas passando por sobre o ombro esquerdo. Realizada esta cena, convida o padrinho para dançar.

Antes ou depois brindarão juntos e "Ch'allarán" (Vide: ch'allar) para a "Pachamama" (mãe terra).

OS TRAJES

Os trajes dos conjuntos de baile mudam, geralmente, de ano para ano. Decidido o novo modelo, cada um dos integrantes do grupo dá uma soma em dinheiro para comprar o material e pagar a modista e/ou pessoa encarregada da confecção.

A maioria das roupas é profusamente enfeitada, com lantejoulas, pérolas, franjas, mechas, galões, fitas e fios bordados, e o tecido que se costuma empregar com maior frequência é o linho de cores brilhantes e contrastantes.

Na maioria dos casos, certos implementos, como os chapéus e os tecidos multicores, são trazidos diretamente da Bolívia.

Existem conjuntos de baile cujos trajes são sumamente caros; é o caso de "La Morenada" ou a "Diablada", com suas máscaras, seus personagens (o anjo São Gabriel, o Oso, o Condor, a china *Supay* (o diabo). Em algumas ocasiões, estes grupos se deslocam de outras províncias, como acontece com a Diablada de Oruro, de Mendoza, que veio render sua homenagem à Virgem por ocasião de sua festa em Vila Soldati. Ao mesmo tempo, através dessa dança, representa-se a luta entre o bem e o mal, com a derrota e a submissão do diabo (*Supay*).

AS "LEMBRANÇAS"

Chamam-se assim (*colitas*) uma espécie de "souvenirs" que são entregues

aos que participam da festa.

Trata-se de uns pequenos cartões, com uma inscrição com o nome e a data da celebração e com a denominação dos padrinhos de turno. São pequenas lembranças, denominadas *Colitas* uma vez que os cartõezinhos levam fitas penduradas. Os padrinhos das lembranças encarregam-se das despesas e distribuição das mesmas. Costuma-se levá-las presas na lapela.

A COMIDA

A preparação da comida para o dia da festa começa com vários dias de antecedência, com a coleta dos alimentos. Alguns elementos - como diferentes tipos de batatas e milho -, por exemplo, são trazidos diretamente da Bolívia.

O cozimento dos alimentos realiza-se em cozinhas e pátios, nos quais se instalam enormes panelas. A comida constitui a expressão máxima do sentido comunitário da festa. É a maior demonstração de agradecimento por parte do padrinho a todos os seus colaboradores, em primeiro lugar; à presença de autoridades distritais e personalidades ilustres, bem como é o oferecimento e a demonstração de sua generosidade para com todos os convidados.

A falta de comida constitui uma ofensa; por isso, ela deve não só ser suficiente para atender a todos, mas deve existir em abundância para que sobre.

Essa comida é servida em lugar privado, onde só se entra com convite. Na rua e em diversas casas de família vende-se comida, geralmente comidas típicas, formadas de picadinho de frango, carne assada, churrasquinhos, pastéis, torresmos, guisados, sopas a base de milho, arroz, abóbora, amendoim e diversos tipos de batatas.

A BEBIDA (1)

A bebida por excelência é a aguardente de milho, em cores ou branca, acompanhando a cor dos grãos. É elaborada de forma caseira e natural em cada bairro habitado por bolivianos, onde há especialistas na matéria.

A aguardente de milho (*chicha*) é uma bebida com forte graduação alcoólica e é mantida em fermentação durante uma semana. O primeiro trago da aguardente normalmente é jogado no chão como forma de um oferecimento, uma homenagem à *Pachamama* (mãe terra).



Foto: Claudino Balen

A BEBIDA (2)

A bebida é outra expressão do sentido comunitário e festivo da celebração. É muito difícil ver-se um boliviano bebendo sozinho: sempre bebe em comunidade. Não se pode recusar qualquer convite para beber porque seria uma ofensa ao oferente, principalmente quando o convite é feito pelos padrinhos. É uma forma de se relacionar com os outros.

Para os autores Cartes e Mamaní, o consumo de álcool na sociedade ocidental urbana e na sociedade andina tradicional diferencia-se em vários aspectos: em primeiro lugar, a ingestão ocorre quase sempre em um contexto social. Na sociedade tradicional Aymara, alguém tem a obrigação de tomar uma determinada quantidade de álcool por ordem de seus anfitriões e é muito raro que tome sozinho. Por outro lado, o álcool é considerado um objeto ritual. (Carter e Mamaní, 1982, em Karasik, Graciela).

"CH'ALLAR" (HOMENAGEM À MÃE TERRA)

Oferecimento que se faz à Mãe Terra (*Pachamama*), cada vez que se toma uma bebida. Aproxima-se o copo do solo e jogam-se algumas gotas.

Na realidade a *Ch'alla* é realizada em toda a reunião em que se beba. Neste caso, significa uma das múltiplas manifestações do sincretismo presente nessa festividade.

"A *Pachamama* é uma deusa feminina que produz, que gera. A ela se invocava antes de semear, quando se saía de casa, e em algumas enfermidades" (Adam Quiroga).

"RUTICHICHO" OU "CHUJCHARRUTU" (PRIMEIRO CORTE DE CABELO DA CRIANÇA)

Corte de cabelo que se faz nas crianças, pela primeira vez, quando completam três ou quatro anos de idade. Neste momento, se lhes penteia os cabelos em forma de tranças, que são cortadas e distribuídas entre os convidados à cerimônia, os quais retribuem ao participante com presentes.

O "WATAKALLPA" (SOBRA DE BEBIDA)

Wata: ano, *Kallpa*: força de trabalho.

Chama-se assim o restante das garrafas de bebida que não foram consumidas durante a festa e que passam a integrar o patrimônio da festa seguinte.

O "FERROCARRIL"

Dá-se o nome de *ferrocarril* ao oferecimento de diversos tipos de bebidas que vão sendo tomadas durante a festa. Deve-se oferecer o *ferrocarril* a todos os que chegam atrasados bem como aos visitantes. Além da aguardente, costuma-se tomar vinho, cerveja e bebidas variadas.

O "DEJAMEN" (OITAVA DA FESTA PRINCIPAL)

O *Dejamen*, segundo a expressão popular, é festa pequena, a celebração realizada na oitava da festa principal.

Inicialmente tratava-se de fato de uma cerimônia para "despedir" a grande festividade; mas pouco a pouco foi se revestindo de maior importância e, atualmente em alguns casos, quase não se diferencia da festa propriamente dita.

O "AYNP" (AJUDA FRATERNA)

(Toma a raiz de *Aylli*: Quechua, verbo infinitivo: ajudar)

Costuma-se chamar assim a doação que o padrinho do ano em curso recebe da parte do padrinho do ano anterior.

Em geral, consiste numa quantidade apreciável de bebida e, às vezes de dinheiro, a fim de ajudá-lo na concretização da celebração da qual ficou encarregado. A este, por sua vez, caberá cumprir com a mesma obrigação em relação a quem for assumir a próxima festa.

A obrigação do "*ayni*" existe também quando o padrinho pede ajuda a outros integrantes da fraternidade (empréstimo de dinheiro, bebida, comida, ou algum serviço em particular como o de realizar tarefas de garçom para servir a comida, bebida etc). Deste modo, o padrinho, fica na obrigação de retribuir esta ajuda a cada um quando assim o requerer, ou seja, quando forem eleitos padrinhos de alguma outra festa.

Este costume do "*ayni*" é uma verdadeira instituição nas ocupações agrícolas, uma vez que se trata de uma forma de prestação de serviços. Em tempos de semeadura ou colheita, um membro de uma comunidade rural solicita a ajuda a alguns outros membros da mesma comunidade e todos vão trabalhar em seu campo. Deste modo, este fica obrigado a trabalhar para cada um dos ou-

Foto: Claudino Balen



tros quando chegar o momento.

Segundo alguns sociólogos, a razão do êxito de certas cooperativas agrícolas do Sul da Província de Buenos Aires deve-se ao fato de serem formadas por camponeses bolivianos acostumados com esta metodologia. (VILLAR, Juan: "O projeto CORFO", conferências).

"TAHUANTINSUYO"

(De "*Tawa*": quatro - "*Suyu*": região)

Império Inca dividido em quatro grandes regiões. O Inca governava com a assessoria de um conselho formado por quatro coordenadores das quatro grandes regiões do império, cuja imensa extensão compreendia desde o Sul da Colômbia até Maule (Chile).

"AYLLU"

Unidade geográfica e social que constitui a base organizativa dos povos andinos na época anterior à formação do Estado Inca.

Era uma comunidade primitiva na qual se integrava um número variável de famílias vinculadas por parentesco e que colocavam em comum suas terras cultiváveis e os pastos de que dispunham. O chefe recebia o nome de *CURACA*; o cargo que era hereditário reunia o poder de julgar e o poder executivo. Essa instituição básica não chegou a desaparecer com a conquista espanhola.

"ALASITAS"

(*Alasitas*: significa "compra-me" em aymara)

Trata-se de uma festa celebrada no dia 24 de janeiro em La Paz. É a festa dos desejos, na qual compram-se pequenos objetos para que a posse dos mesmos permita concretizar um pedido. "Assim, por exemplo, aquele que compra uma mala em miniatura está pedindo que se realize uma viagem; o que consegue uma pequena torta de bodas quer casar-se; o que exhibe pequenas cédulas está desejando fortuna" (Grossi, Ernesto).

É este, pois, o significado das pequenas cédulas que se penduram ao vestido da Virgem.

* Este artigo de Isabel Laumonier foi enviado à redação da revista *Travessia* pelo CEMLA-Centro de Estudos Latinoamericanos de Buenos Aires/Argentina.

A tradução do original espanhol foi feita por Mário Geremia.

BIBLIOGRAFIA

BALAN, Jorge, *Los bolivianos, esos desconocidos*, Diario Clarín 14/5/1985.

BLANES, José, *De los valles al Chapare - Estrategias familiares en un contexto de cambios*, CERES, Cochabamba, 1983.

BOLETINES del Equipo Pastoral Boliviano, Años 84, 85 y 86.

CADEMS, Cuadernillo N° 5 - Mayo '84: *Migraciones, temas y ensayos*.

CALDERON, Fernando, *Campesinos en la ciudad*, La Opinión 5/6/85.

CUADERNOS POPULARES, N° 2 Secretariado Nacional de Pastoral Social. Dpto. de Pastoral Migratoria. Cochabamba, (s/fecha).

DANDLER y MEDEROS, J., *La migración temporal internacional y su impacto en los lugares de origen*, Bolivia, CIM 1985.

DE MARCO Graciela y SASSONE Susana, *Movilidad geográfica de los inmigrantes limítrofes. Su impacto en la frontera argentina*, OIKOS, 1983.

GROSSI, Ernesto, *Bolivia: El misterioso diablo del carnaval*, en Suplemento dominical diario "Clarín", 1985.

KARASIK, Gabriela, *Intercambio tradicional en la puna jujeña* em RUNA, Volumen XIV, 1984.

LASERNA, Roberto, *Espacio y sociedad regional*, em ed. CERES, Cochabamba, 1984.

LAUMONIER, ROCCA, SMOLENSKY, *Presencia de la tradición andina en Buenos Aires*, Editorial de Belgrano, 1983.

MUGARZA, Susana, *La población boliviana en la ciudad de Buenos Aires*, Jornadas del IDES, 14 y 15 de noviembre de 1984.

VILLAR, Juan, *Curso Intercambio sobre migraciones internas e internacionales*, OEA - CIM, Gobierno Argentino, 6 al 12 de Julio de 1985. Conferencia.

ZALLES, A. Monseñor, *Breve historia de la Virgen de Copacabana*, Ed. Talleres Don Bosco, La Paz, Bolivia, 1983.